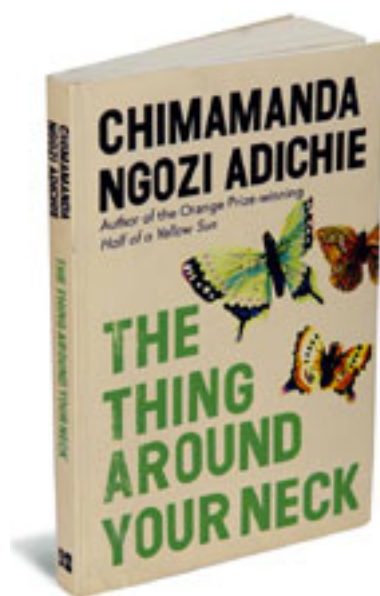


Sobrevivendo em zonas de desconforto: as mulheres de Chimamanda Adichie em *The Thing around your Neck*

Cláudio Braga (UCB)

Em 1959, o escritor nigeriano Chinua Achebe publica o romance *Things Fall Apart* (*O mundo se despedaça*), que se tornou um dos livros mais lidos da literatura africana. A projeção internacional alcançada pela literatura de Achebe abriu caminho para outros autores daquele continente; hoje, escritores como John Maxwell Coetzee, Nadine Gordimer, Wole Soyinka e Ngũgĩ wa Thiong'o, para citar apenas os de língua inglesa, são conhecidos mundialmente e respeitados. Com eles, o mundo pôde desfrutar de um universo literário instigante, relacionado às questões coloniais na África, a partir de narrativas que problematizam a perspectiva sociocultural de povos que passaram por processos de dominação, subordinação colonial e pela descolonização decorrente de sua independência política.



ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The Thing around your Neck*. USA: Anchor Books, 2010. 223p.

Seguindo por esse caminho, a nova geração de escritores do continente africano tem como uma de suas principais representantes Chimamanda Ngozi Adichie, autora de *The Thing around your Neck*, que poderia ser traduzido livremente como *A coisa em seu pescoço*. Trata-se de uma coletânea de doze contos publicada em 2009, sendo o mais recente trabalho dessa escritora nascida na Nigéria e a primeira compilação de sua ficção curta. Em anos anteriores, a escritora já vinha se destacando, ganhando prêmios e recebendo elogios de críticos britânicos e estadunidenses por seus romances *Purple Hibiscus* (2003) e *Half of a Yellow Sun* (2006).¹ Seu trabalho também tem sido pesquisado por acadêmicos de universidades de vários países, inclusive o Brasil.

¹ *Half of a Yellow Sun* é a única obra de Chimamanda Adichie traduzida para o português, tendo recebido o título *Meio Sol Amarelo* (Editora Companhia das Letras, 2010).

As narrativas de *The Thing around your Neck* podem ser divididas em dois grupos: as que se passam na Nigéria, como “Cell One”, “A Private Experience”, “The American Embassy” e “The Headstrong Historian”, e as que são ambientadas nos Estados Unidos, como “Imitation”, “The Thing around your Neck” e “The Arrangers of Marriage”.

As histórias situadas em solo estadunidense podem ser consideradas, pelo próprio cenário escolhido, novidade no trabalho de Adichie, atraindo a atenção de leitores daquele país e de críticos como Ben Dickinson, que, devido à nova ambientação, qualifica a autora africana de “jovem leoa literária expandindo seu território”. No grupo de narrativas que se passam nos Estados Unidos, pode-se destacar “Imitation” e “The Arrangers of Marriage”.

Narrado em terceira pessoa, “Imitation” tem como protagonista a dona de casa Nkem, uma jovem nigeriana, mãe de dois filhos, vivendo em um subúrbio americano de classe média alta. Nas primeiras linhas, o leitor descobre que o marido de Nkem, um executivo nigeriano que passa a maior parte dos meses do ano em viagens de negócios, mantém uma amante na Nigéria e está prestes a colocá-la morando na casa da família, na capital Lagos. Adichie constrói a conjuntura da narrativa por meio das reflexões da protagonista, explicando os fatos do presente por meio de idas e vindas ao passado. Enquanto Nkem tenta decidir o que vai fazer diante da revelação, questões como a assimilação e a adaptação na sociedade americana, a saudade da terra natal e conflitos pessoais são inseridos na narrativa. Um ponto relevante é a relação de Nkem com a empregada Amaechi, trazida da Nigéria. Amaechi é uma mulher mais velha, cuja experiência de vida lhe permite adiantar os fatos. No dia em que Nkem corta o cabelo, a atitude aparentemente corriqueira se torna fortemente simbólica a partir da reação de Amaechi: “‘Madame!’, grita Amaechi. ‘Por que a senhora cortou seu cabelo? O que houve?’” (ADICHIE, 2009, p. 29).² A patroa desconversa, dizendo que não é preciso que algo aconteça para que ela corte o cabelo e dá ordens à empregada. Entretanto, no íntimo, Nkem está ciente do momento delicado por que passa e percebe que a empregada sente que algo está para mudar. Assim, Nkem resolve se abrir com Amaechi: “A senhora vai perdôá-lo, os homens são assim mesmo” (ADICHIE, 2009, p. 34),³ responde a criada. A narrativa prossegue alternando os conselhos de Amaechi e os pensamentos de Nkem até que o marido retorna, após vários meses de ausência: no final, a maneira como Nkem gerencia a traição não aparenta ter respaldo nos fatos até então narrados e o desfecho surpreende o leitor.

² “‘Madame!’, Amaechi screams. ‘Why did you cut your hair? What happened?’”

³ “You will forgive him, Madam. Men are like that.”

Em “The Arrangers of Marriage”, Chinaza, a protagonista narradora, é uma nigeriana órfã, entregue a um marido desconhecido, um nigeriano que vive nos Estados Unidos. Os tios que a criaram parecem felizes em se ver livre dela e, assim como os negociadores de casamento, a consideram uma jovem de sorte, já que o marido arranjado é estudante de medicina. No entanto, logo após a chegada nos Estados Unidos, Chinaza faz uma série de descobertas desagradáveis a respeito do novo marido: “Outra coisa que os negociadores de casamento não haviam mencionado: bocas que contavam histórias de sono, pegajosas como chiclete velho, que cheiravam como os depósitos de lixo do Mercado de Ogbete” (ADICHIE, 2009, p. 169).⁴ A narrativa em primeira pessoa reforça muito mais que os odores repugnantes do marido desconhecido: são inúmeras situações constrangedoras que a protagonista tem que suportar. Tais descrições, por sinal, povoam as histórias de Adichie, o que chega a obrigar o leitor a experimentá-las também por meio de suas palavras.

Apesar de tudo, Chinaza não vê outra saída a não ser aceitar imposições do marido, que a proíbe de fazer comida nigeriana, a força falar somente inglês e muda seu nome para Agatha. Entretanto, Chinaza se depara com um fato também não comunicado pelos negociadores de casamento: o marido já era casado nos Estados Unidos e, ironicamente, seu casamento também era arranjado, objetivando a aquisição de um visto de permanência no país. Chinaza então se refugia na casa da vizinha, uma afro-americana que aos dezoito anos havia trocado seu nome americano para Nia, como forma de resgate de suas origens africanas. Embora completamente diferentes, as duas mulheres se unem em uma amizade que se avigora exatamente pela diferença que permite a troca de experiências e o aprendizado. É Nia quem ajuda Chinaza a tomar a decisão final sobre permanecer ou não com o marido arranjado.

Se Nkem e Chinaza são mulheres imigrantes lidando com as incertezas da vida nos Estados Unidos, Chika e Nwambga são personagens femininas cujas histórias se passam em seu próprio país, mas nem por isso se situam em zonas de conforto. Essas mulheres são, de certa forma, estrangeiras em seu próprio país. Em “A Private Experience”, Chika é uma estudante de medicina que se vê no meio de um conflito sangrento entre cristãos e muçulmanos nas ruas de Lagos. Na correria, Chika, que é cristã da etnia Ibo, se perde da irmã Nnedi e vai se esconder em uma sobreloja abandonada, espaço que divide com outra mulher: uma muçulmana Hausa. Retidas nesse espaço, as duas mantêm, em um curto

⁴ “Another thing the arrangers of marriage failed to mention – mouths that told the story of sleep, that felt clammy like old chewing gum, that smelled like the rubbish dumps at the Ogbete Market.”

período de tempo, um diálogo revelador, que expõe afinidades entre elas, mesmo sendo pertencentes a facções diferentes. O momento de cumplicidade e aprendizado entre Chika e a muçulmana é uma rejeição não premeditada à violência e à intolerância religiosa que ocorrem lá fora, e que representam uma rivalidade histórica que divide a Nigéria, causando conflitos, tensões e mortes. A muçulmana tenta consolar Chika, que teme pela vida da irmã que desaparecera na confusão. Em retribuição, Chika acalma a muçulmana, que se entristece por ter se separado da filha Halima, no meio do tumulto. A experiência íntima de que trata o título do conto vai além do óbvio encontro entre essas duas mulheres de culturas, idades e classes sociais diferentes:

Ela chora em silêncio, levantando os ombros para cima e para baixo, não o tipo de choro e soluço em voz alta das mulheres que Chika conhece, o tipo que grita “me abraça e me console porque não posso lidar com isso sozinha”. O pranto da mulher é reservado, como se estivesse realizando um ritual necessário que não precisa de mais ninguém. (ADICHIE, 2009, p. 51)⁵

Ao notar a forma peculiar com que a muçulmana encara o sofrimento, Chika constrói sua própria experiência íntima paralela, fundamentada na observação minuciosa da outra, proporcionada pela situação em que se encontram. Outras trocas vão ocorrer entre as duas durante as horas em que estão juntas, fragilizadas pela possibilidade de perda de entes queridos em um conflito que para ambas não parece ter sentido. As duas mulheres sabem que jamais voltarão a conviver, mas saem dali com a sensibilidade e a compreensão elevada.

Embora seja arriscada a tarefa de eleger o melhor entre os contos da coleção, “The Headstrong Historian”, última narrativa do livro, certamente está entre os possíveis candidatos. A narrativa tem como protagonista Nwamgba, uma nigeriana da etnia Ibo, que mora em uma pequena vila e é dona de uma personalidade forte que a difere das outras mulheres. Desde o princípio do conto, narrado em terceira pessoa, o leitor conhece sua determinação ao escolher Obierika como marido, contrariando a vontade do pai. O problema é que Obierika é filho único, condição atribuída a uma maldição de família. Coincidência ou superstição, Nwamgba também terá abortos espontâneos, e, como a sogra, dá a luz a um menino apenas, chamado de Ankwenwa. Vale notar que Adichie sempre deixa em aberto questões como estas, que envolvem crenças antigas, presságios ou

⁵ “She cries quietly, her shoulders heaving up and down, not the kind of loud sobbing that the women Chika knows do, the kind that screams Hold me and comfort me because I cannot deal with this alone. The woman's crying is private, as though she is carrying out a necessary ritual that involves no one else”.

maldições, como se desejasse, por meio de sua literatura, respeitar a cultura de seu povo sem julgá-la primitiva ou inferior.

O dilema de Nwamgba tem início na morte do marido. Ela se vê ameaçada pelos tios do filho, que desejam tomar as terras deixadas por Obierika. Para proteger o herdeiro, Nwamgba o coloca em uma escola de missionários católicos, já que aprender a língua inglesa parece ser a condição para que o menino venha a defender seus direitos nos tribunais recém-instalados pelos colonizadores. A partir do contato do padre católico com Nwamgba e seu filho, Adichie entrelaça o drama particular e íntimo de Nwamgba com a questão da colonização da Nigéria pelos europeus no século XIX. A escritora explora as consequências da educação católica sobre o menino: a principal delas é o distanciamento entre ele, sua mãe e sua cultura, tratada como primitiva pelos professores da escola católica. Viúva e afastada do filho único, Nwamgba reencontra esperança somente no fim da vida, com o nascimento de sua neta Grace. Ela acredita que a menina é a reencarnação do esposo: “Desde o momento em que Nwamgba o tomou nos braços, os olhos brilhantes do bebê se fixaram nela: ela sabia que o espírito de Obierika tinha finalmente retornado; era estranho que tivesse voltado como menina, mas quem poderia prever o modo de agir dos ancestrais?” (ADICHIE, 2009, p. 214).⁶

Apesar de ser educada na escola católica, a mesma do pai, Grace não despreza a cultura de seus antepassados e apresenta grande interesse pelas histórias e pela poesia da avó. A menina contraria os pais cristãos e os valores da educação que recebe para recuperar tradições perdidas. Grace deixa o curso de química para se tornar uma historiadora, retomando, a partir do que aprende com a avó, questões coloniais que a história oficial de seu país não registrou. No encerramento de “The Headstrong Historian”, Adichie faz uso do tempo passado para narrar o futuro, costurando, de forma extraordinária, detalhes da vida privada de suas personagens às questões históricas e coloniais pertinentes à Nigéria, enfatizando que certos traumas do passado são, na verdade, explicações para o presente, sem que o indivíduo se dê conta disso. Entretanto, o verdadeiro destaque nesse fim de história, que é também o encerramento do livro, talvez seja a encantadora cumplicidade entre a avó e a neta, sintetizada pela autora em poucos parágrafos, nos momentos que antecedem a morte de Nwamgba.

Nkem, Chinaza, Chika e Nwamgba são algumas entre as várias mulheres de Adichie que capturam a atenção do leitor em *The Thing around your Neck*. Seja nos

⁶ “From the moment Nwamgba held her, the baby’s bright eyes delightfully focused on her, she knew that the spirit of Obierika had finally returned; odd, to have come back in a girl, but who could predict the ways of the ancestors?”

Estados Unidos ou na Nigéria, Adichie as coloca sempre de frente com outras mulheres, conferindo a cada uma as propriedades de um espelho que permite ir além da autocontemplação, pois cada mulher, ao se ver na outra, acaba se vendo outra, descobrindo que não há apenas uma, mas várias dentro de si. A transformação pessoal é enriquecida pelas situações também em movimento, que as fazem negociar transições entre uma zona de desconforto para outra não menos desconfortável, circunstâncias que dão um caráter extremamente realista às narrativas da coletânea.

Além do realismo, as histórias de Adichie possuem, ao contrário de narrativas tediosas em que se enxerga o mote de forma direta e imediata, uma multiplicidade de temas que nos magnetizam e fazem pensar, podendo ser apreendidos de forma variada e criativa. Em *The Thing around your Neck*, a instabilidade é instigante, pois é capaz de abalar nossas estruturas fantasiosas de segurança e equilíbrio. Deste modo, a escrita de Adichie extrapola os temas nigerianos, ultrapassa, aliás, a própria Nigéria. Tal habilidade de ser local e universal simultaneamente é uma característica que mereceu da escritora e crítica Anne Chudobiak uma comparação elogiosa entre Adichie e a consagrada contista canadense Alice Munro:

Estas duas mulheres compartilham a rara capacidade de fazer 20 páginas tão abrangentes quanto Guerra e Paz [de Leo Tolstoy]. Alguns parágrafos é tudo que precisam para dar vida a personagens absurdamente realistas, tão apazíveis quanto desagradáveis, tão generosas quanto insignificantes. (CHUDOBIK, 2009, p. 23)⁷

O valoroso poder de concisão que Chudobiak reconhece ao comentar *The Thing around your Neck* não é, segundo a própria Adichie, algo fácil de se obter. A autora declara que alguns de seus contos levaram até quatro anos para serem concluídos. Os resultados desse esmerado processo de criação literária se concretizam nos predicados do texto, em sua imaginação e engenhosidade, que podem ser conferidos em *The Thing around your Neck*.

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The Thing around your Neck**. London: Fourth Estate, 2009. 240 p.

_____. **The danger of a single story**. Mini-conferência promovida pelo *Technology, Entertainment, Design (TED)*, jul. 2009. vídeo (19 min.). Disponível em: < <http://www.ted>.

⁷ “These two women share the rare ability to make 20 pages as expansive as War and Peace. A few paragraphs is all they need to flesh out absurdly realistic characters, as likeable as they are dislikeable, as generous as they are petty.”

com/talks/lang/eng/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html>. Acesso em 12 mar. 2010.

CHUDOBIAK, Anne. A Nigerian Munro. **The Gazette**, Toronto, julho, p. 23, 2009.

DICKINSON, Ben. **A young literary lioness expands her territory**. Elle, Nova Iorque, Hearst Digital Media, junho, p.1, 2009. Disponível em: < <http://www.elle.com/pop-culture/movies-tv-music-books/book-release-the-thing-around-your-neck>>. Acesso em: 17 mai. 2011.

TUNCA, Daria. Biography & more. In: **The Chimamanda Ngozi Adichie website**. Liège, Bélgica: University of Liège. Disponível em: <<http://www.l3.ulg.ac.be/adichie/cnabio.html>> Acesso em: 20 jun. 2011.

Cláudio Braga é Doutor em Literatura Comparada pela UFMG, com ênfase em literaturas de língua inglesa. É professor da Universidade Católica de Brasília (UCB). O autor desenvolve pesquisas em literaturas de língua inglesa, principalmente as produzidas por grupos minoritários estadunidenses, britânicos e literaturas africanas (claudiob@ucb.br).